

LAMBERT, Marisa Martins; GERALDI, Silvia Maria. **Compartilhamentos criativos: das poéticas do corpo à cena contemporânea**. Debate Aberto de Grupo de Pesquisa. Coordenação: Marisa Martins Lambert e Sílvia Maria Geraldi: II Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, Campinas, Unicamp, 2014.

RESUMO

A presente comunicação busca elucidar aspectos singulares do percurso criativo compartilhado pelas artistas proponentes, resultando na obra coreográfica “Ensaio sobre as pequenas distâncias”. Aborda a relação corpo/espço, lócus temático do projeto criativo, a partir das perspectivas da antropologia e da fenomenologia, tratando de expor procedimentos investigativos que tiveram no corpo a corpo com o espaço urbano uma das fontes de indagação. Apresenta dinâmicas metodológicas que, envolvendo os âmbitos do treinamento, da produção de linguagem e formalização cênica, buscaram assegurar o trânsito de pessoas, ideias e experiências.

Palavras-chave: corpo/espço, criação em dança, cena contemporânea.

ABSTRACT

The following communication seeks to elucidate unique aspects of the creative journey shared by the artists, resulting in the choreographic work “Rehearsal of small distances”. Addresses the relationship between body and space, thematic place in the creative project, from the perspectives of anthropology and phenomenology, trying to expose investigative procedures which had the confrontation with the urban space as one of the sources in question. Presents methodological dynamics involving the areas of training, language production and formalization of the scene, sought to ensure the flow of people, ideas and experiences.

Keywords: body/space, dance creation, contemporary scene.

Passado quase um ano da estreia da obra coreográfica “Ensaio sobre as pequenas distâncias”⁽¹⁾, propomo-nos por meio desta breve comunicação compendiar aspectos do percurso criativo partilhado por nós, Marisa Lambert e Silvia Geraldi, durante os anos de 2012 e 2013. Além de artistas engajadas com a criação de obras artísticas, somos professoras-pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Unicamp, tendo na universidade não apenas um espaço de experimentação, mas de produção de pensamentos sobre nossos fazeres.

Fato é que o projeto poético acima citado, gestado inicialmente fora do ambiente acadêmico, não apenas encontrou neste um lugar privilegiado para

manter-se em estado de investigação, mas ensejou que cada uma de nós reencontrasse e repotencializasse suas próprias pesquisas. Uma que trata da expressividade cênica na dança pelo fluxo percepção/ação, indagando sobre a plasticidade corporal do artista contemporâneo (de Marisa Lambert). A outra que se dá em torno dos conceitos de teatralidade e performatividade, investigados em suas possíveis relações com a cena coreográfica contemporânea (de Silvia Geraldi).

Da fricção de nossas pesquisas, surgiu um grupo permanente de estudo que, embora ainda em estado germinativo, vem acolhendo também os trabalhos de nossos orientandos e se configurando como território híbrido de testagens artísticas/teóricas. Ateremo-nos, nesse momento, à exposição de certos traços furtivos do processo de criação em enfoque, que elucidem modos idiossincráticos de conceber, investigar, produzir e pensar a dança.

O projeto propulsor da criação de “Ensaio sobre as pequenas distâncias” apoiou-se em nosso interesse comum pela relação corpo/espço. O encontro com o “objeto estrangeiro” se deu a partir dos estudos antropológicos de Edward T. Hall acerca da percepção e do uso do espaço pelo ser humano dentro do contexto da cultura (HALL, 2005). Suas pesquisas analisam tanto os *espaços informais* que circundam os indivíduos (as distâncias pessoais e sociais que os entrecem), quanto as sensibilidades em macronível que modelam expectativas culturais sobre os modos como ruas, bairros e cidades são organizados. Os questionamentos de Hall desafiaram-nos a compreender de que forma corpo individual e social interagem com o espaço e, sobretudo, que implicações isso tem na investigação do movimento dançado. A esta preocupação matizaram-se indagações acerca dos modos de apreensão da vida urbana contemporânea, enfatizando questões como experiência, corpo e alteridade na cidade e suas relações com o campo da arte (JACQUES, 2013).

Em diálogo com essas referências, nossas investigações sobre como acontecem os movimentos interativos entre esses dois ambientes vivos e interpenetráveis – corpo e espaço – foram ainda alargadas pela interlocução com o pensamento do bailarino e educador somático Hubert Godard. De aporte fenomenológico e, portanto, concepções sensorialmente baseadas, Godard fomenta a ideia de que o contato e a ativação do espaço se constroem no

enlace com o universo subjetivo do indivíduo, sendo afetado por suas histórias pessoais, desejos e associações de significado (MCROSE, 2006). Esses aspectos humanos envolvidos na relação corpo/espço, unidos à percepção do contexto sociológico e abordagem da realidade geográfica do entorno, criam um espaço múltiplo e dinâmico de possibilidades, conceituado pelo autor como *espaço de ação*, território suspenso entre dentro/fora, gerador de intersecções criativas e aberto a modelagens do movimento em acontecimento.

A antropologia do espaço de Hall e o espaço fenomenológico de Godard ofereceram-se, portanto, como campo potencial de provocações, estímulos, indagações a partir dos quais pudemos estabelecer os alicerces do projeto poético, ampliar o universo de referências acerca da temática corpo/espço e, sobretudo, desvelar procedimentos de pesquisa e criação.

O processo de trabalho organizou-se em torno de dinâmicas metodológicas que favoreceram o transitar de pessoas, ideias e experiências. Como procedimento norteador da pesquisa, constituímos um grupo experimental de trabalho que funcionou durante os seis primeiros meses do projeto, paralelamente aos ensaios. O grupo contou com a participação de convidados da área artística⁽²⁾ que trouxeram colaborações diversas à criação e forneceram sustentação teórico-prática para a efetuação dos estudos antropológicos do espaço. Os encontros do grupo mantiveram-se abertos a estudantes da dança que acompanharam parte do processo de investigação, colaborando efetivamente nas saídas a campo e no processamento de materiais em laboratório.

A pesquisa de campo foi estratégia dedicada à investigação dos espaços informais (as zonas de distâncias pessoais e sociais compiladas por Hall). Preparadas e roteirizadas com a ajuda de alguns dos colaboradores convidados, as saídas aconteceram em lugares específicos do espaço urbano de São Paulo – a Praça da Sé, o Vale do Anhangabaú, estações de metrô, calçadões próximos ao Teatro Municipal.

Ressaltamos que não houve, de nossa parte, a intenção de interferir no espaço urbano, como é o caso da prática de muitos grupos de dança da atualidade que usam a rua como espaço de performance. A pesquisa de campo foi elemento efetivo de coleta de material criativo e, talvez o mais importante,

configurou-se como possível mecanismo de captura e anexação de experiências reais (situações, corporalidades, gestuais, temporalidades, circunstâncias) ao processo da criação, buscando usar a linguagem da cena para expor a memória de um corpo coletivo, formado pela sobreposição de muitas vozes.

Jacques (2013, p.14) lembra-nos que “o próprio corpo pode ser compreendido como um tipo de cartografia da experiência urbana”. A esse respeito, Michèle Febvre (1995) irá se referir a uma *infrateatralidade* inscrita no corpo de cada indivíduo, moldada tanto por sua história pessoal, quanto pelo ambiente cultural no qual se insere. Os enfrentamentos com a cidade tornaram-se, assim, não somente o objeto de um conhecimento, mas o lugar de um reconhecimento de experiências, relações e processos subjacentes à ocupação humana dos espaços. Fizeram emergir narrativas pessoais construídas entre a aparente simplicidade gestual das situações cotidianas e a profundidade corporal singular de cada artista.

O corpo tornou-se, portanto, material privilegiado de conhecimento, de sensibilidade e de relação com o mundo, solicitando ferramentas adequadas que o auxiliassem no processamento do objeto criativo. Como preocupação que permeou todo o percurso, buscamos assegurar que as etapas técnicas e criativas não se constituíssem de forma isolada, que encontrassem um sentido entre si. Grosso modo, os treinamentos corporais adotados levaram em consideração diferentes domínios técnicos em permanente articulação. Os princípios somáticos baseados nos Fundamentos Corporais do Movimento de Bartenieff (BARTENIEFF, 1980) e nos processos de Consciência pelo Movimento do Método Feldenkrais (FELDENKRAIS, 1977) foram um referencial valioso para o estudo dos mecanismos de percepção humana, para a ampliação da sensibilidade, da consciência intracorporal e de suas conexões com o ambiente. Técnicas sistematizadas de preparação do corpo conjugaram-se permanentemente a recursos investigativos, utilizando ainda as teorias de Laban (LABAN, 2011) como instrumental valioso para o estudo do espaço e desenvolvimento expressivo das intérpretes.

Nesta criação, a improvisação foi ferramenta de trabalho indispensável, utilizada tanto como recurso para o levantamento e amadurecimento de um

repertório poético-corporal, quanto procedimento de organização compositiva dos materiais coreográficos. Além de oferecer às quatro interpretres um espaço acolhedor para a emergência de suas memórias, imaginário e expressividades genuínas, o exercício da improvisação valorizou o autodesafio, no sentido do alargamento de preferências e tendências de mobilidade. Objetivou o despertar de ritmos, fluxos, movimentos, gestos, suscitando um estado de receptividade, de presença-ausência, como alicerce para novas disposições criativo-expressivas (SUQUET, 2008). O entendimento dessa prática corporal refere-se ao mergulho na matéria do corpo, à necessidade de investigar o próprio “poema dos Esforços” (SUQUET, 2008, p.530), isto é, explorar de forma livre, mas intencional, os componentes qualitativos da expressividade (fluência, foco, peso, tempo, formas, relações, dinâmicas).

Em sintonia com as intenções artísticas desse projeto, a improvisação operou como potencializador de uma fisicalidade em fluxo entre indivíduo e meio, instigando a constituição de um estado corporal aberto a uma lógica interna e em contraposição com padrões automatizados de conduta (FABIÃO, 2010). Atuou, ao longo do processo, como pano de fundo para acionar outros procedimentos criativos desenvolvidos por nós, entre eles: a construção de depoimentos e narrativas pessoais, que motivaram o revisitar de vivências e o contato com registros sensório-motores e afetivos; a estratégia improvisacional de provocação (chamar no movimento do outro aquilo que se quer ver presente), realizada no calor das experiências criativas como forma de desafiar limites e estender as respostas cinéticas das artistas; o confronto de matrizes compositivas de movimento para gerar novas relações dramatúrgicas; e também jogos entre qualidades polares do movimento para resignificação do espectro expressivo das intérpretes. A construção e testagem dessas táticas criativas enfatizaram o encontro de uma disponibilidade corporal e imaginária redimensionada, que impulsionou, como resultante, novas formas de perceber, fazer, gerir e gerar a linguagem corporal e coreográfica da cena.

O procedimento de Análise do Movimento foi outro elemento de apoio investigativo, utilizado por nós para promover uma leitura crítica e fundamentada do movimento, articulada ao desejo expressivo do artista. Baseado no instrumental Laban/Bartenieff, seu emprego amplia a

compreensão de sinais sutis do corpo (subjetivos, emocionais, cinéticos e cinestésicos), permitindo a criação de novos circuitos e passagens reorganizadores da força criativa. Contrariamente ao que se possa pensar, a análise é um processo de partilha e não de julgamento do texto corporal, que parte da escuta do movimento. Volta-se para a apreciação da profundidade e riqueza dos componentes que integram a experiência dançada, visando revelar seus alcances e limites em interface com a intencionalidade pretendida. Como modo de apreensão holística do movimento, preenche uma lacuna em relação à avaliação das manifestações de funcionamento e expressividade corporal do sujeito (BARTENIEFF, 1980).

Por fim, o modo de produção de “Ensaio sobre as pequenas distâncias” caracterizou-se por uma abordagem processual, que buscou estabelecer um circuito dinâmico e iterativo entre criação e formalização. O projeto coreográfico organizou-se por meio de *linhas de força* em que a ação das criadoras-intérpretes foi decisiva, sendo permanentemente convidadas a colaborar na criação de materiais, processos e sentidos para a cena. A função da direção foi, no entanto, preponderante em todas as etapas do trabalho: na geração de impulsos criativos, na ampliação das redes de pesquisa, na condução dos laboratórios, na seleção do material cênico, no entrelaçamento das textualidades. Levou em conta o necessário amadurecimento dos processos e sua ordenação orgânica, refletindo o pensamento filosófico-estético que fundamenta o fazer artístico das artistas proponentes.

⁽¹⁾ “Ensaio sobre as pequenas distâncias” foi um projeto contemplado pelo Programa Municipal de Fomento à Dança da cidade de São Paulo/2012. A direção artística foi realizada por nós em sistema de colaboração, contando com a participação de quatro criadoras-intérpretes. Estreou em outubro de 2013 e manteve-se em temporada de quatro semanas na Oficina Cultural Oswald de Andrade (São Paulo/SP).

⁽²⁾ Participaram como colaboradores do projeto: Helena Ciampolini, Ana Terra, Renato Ferracini e Luis Ferron.

Referências Bibliográficas:

BARTENIEFF, Irmgard. **Body Movement: Coping with the Environment**. Langhorne: Gordon & Breach Science Publishers, 1980.

FABIÃO, Eleonora. Corpo Cênico, Estado Cênico. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, vol. 10 – nº 3, p. 321-326 / set-dez 2010.

FEBVRE, Michèle. **Danse contemporaine et théâtralité**. Paris: Editions Chiron, 1995.

FELDENKRAIS, Moshe. **Consciência pelo movimento**. São Paulo: Summus, 1977.

HALL, Edward T. **A dimensão oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

JACQUES, Paola Berenstein. Experiências metodológicas para apreensão da cidade contemporânea. **Redobra**, n.12, ano 4, 2013.

LABAN, Rudolf. **Choreutics**. Hampshire, UK: Dance Books Ltd., 2011.

MCHOSE, Caryn. Phenomenological Space: I'm in the space and the space is in me. Interview with Hubert Godard. **Contact Quarterly**, Northampton, v.31, p. 32-38, Summer/Fall 2006.

SUQUET, Annie. Cenas. O corpo dançante: um laboratório da percepção. In: COURTINE, Jean-Jacques (Dir.). **História do Corpo Vol.3: As mutações do olhar. O século XX**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. p. 509-539.